

## Maria da Cunha Zorro (1873?-1917)

Poetisa, Maria da Cunha Zorro é frequentemente conhecida como Maria da Cunha. É assim, aliás, que assina os textos que editam as suas composições poéticas e as traduções. Nasce em Lisboa e com nacionalidade portuguesa, ao contrário de seus pais, mãe brasileira e pai espanhol, Francisco Zorro.

Considerada muito culta, atendendo sobretudo ao nulo ou baixo nível educacional da esmagadora maioria das mulheres portuguesas, no início do século XX, edita o seu primeiro livro de poesia, *Trindades*, em 1909.

A primeira estrofe do soneto *Proémio* desvenda-nos o título do livro:

Ao meu livro singelo e desprendido,  
Cheio de aspirações e de saudades,  
Livro de quem viveu sem ter vivido,  
Diz-lhe bem este nome de «Trindades».

Fica a dever-se a seu tio, o célebre filólogo Cândido de Figueiredo, a apreciação que lhe é feita por Júlio Dantas e pelo Conde de Monsaraz. Devido ao êxito alcançado, é dada ao prelo uma segunda edição, logo em 1911. Desta feita “muito acrescentada com várias composições inéditas e com juízo crítico do Sr. Dr. Sílvio de Almeida, afamado publicista brasileiro”<sup>1</sup>. São dele as seguintes considerações: “A fantasia fecunda de D. Maria da Cunha sabe extrair efeitos novos de imagens velhas; e os seus versos, obedecendo embora às correntes modernas, têm sempre uma característica singular ou distinta. [...] E o meu humilde louvor fora bem dispensável, depois dos encomiásticos pareceres de Júlio Dantas e do Conde de Monsaraz”<sup>2</sup>.

A decisão de partir para o Brasil terá resultado de inúmeras circunstâncias. Contudo, é lícito acreditar que o ambiente homofóbico tenha contribuído para a mudança de país. Sua mãe segue-a, o que é sempre referido nas versões mais polidas da sua vivência. Contudo, poucos referem aquilo que já era um dado adquirido, Maria da Cunha acompanha a deslocação da jornalista Virgínia Quaresma (1882-1973), com quem tinha, mais do que uma relação de proximidade, uma ligação amorosa<sup>3</sup>. Em 1912, rumam às terras de Vera Cruz.

A profissão será mais um laço de cumplicidades, visto que ambas ingressaram nos quadros do periódico carioca, *A Época*. Ali trabalharam alguns anos. Maria da Cunha ao longo da sua curta vida continuou a publicar livros de poesia, e colaborou em vários periódicos, quer em Portugal, quer no Brasil. Foi ainda conferencista reputada, como referem alguns dos seus biógrafos.

Longe da sua pátria, da qual desalentos, desgostos, e talvez, até, injustiças, a afastaram, D. Maria da Cunha, faleceu repentinamente em S. Paulo (onde lhe tinha sido garantida

---

<sup>1</sup> Cunha, Maria da, *Trindades*, Lisboa, Guimarães e C.ª Editores, 1911. [Folha de rosto].

<sup>2</sup> *Idem*, p. 178.

<sup>3</sup> Almeida, São José, *Homossexuais no Estado Novo*, Porto: Sextante Editora (2010).

por várias pessoas importantes, uma colocação vantajosíssima no magistério), a 10 de Janeiro de 1917<sup>4</sup>.

Mulher culta, como referimos, foi também exímia tradutora, a partir do francês, como o livro de Marguerite Sevray, *A família Laroche*, testemunha. Trata-se de uma tradução livre, apresentada ao público em 1910, pela Parceria António Maria Pereira.

*Fântome* dá título a um poema que edita em francês e do qual extraímos a última estrofe, em forma de despedida:

Il fait calm ce soir ... Reste, pour la bercer  
Sous tes ailes d'argent ... Redis-lui des chansons ...  
«l'eau dormante» ne dor qu'à la surface! Au fond  
Son coeur pleure en silence, - il faut le consoler<sup>5</sup>.

**Texto:** IL

---

<sup>4</sup> Cardoso, Nuno Catarino, *Poetisas Portuguesas*, Lisboa, Livraria Científica, 1917, p.126.

<sup>5</sup> Cunha, Maria da, *Op. Cit.*, p.174.